

UNILEÃO  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MARIA ROSANY ALVES

**CONCEPÇÕES SOBRE A PERDA NA ELABORAÇÃO DO LUTO INFANTIL NA  
PSICOTERAPIA GESTÁLTICA**

JUAZEIRO DO NORTE - CE  
2025

MARIA ROSANY ALVES

**CONCEPÇÕES SOBRE A PERDA NA ELABORAÇÃO DO LUTO INFANTIL NA  
PSICOTERAPIA GESTÁLTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

**Orientador:** Prof<sup>ª</sup> Dra Emília Suitberta de Oliveira Trigueiro

JUAZEIRO DO NORTE - CE  
2025

MARIA ROSANY ALVES

**CONCEPÇÕES SOBRE A PERDA NA ELABORAÇÃO DO LUTO INFANTIL NA  
PSICOTERAPIA GESTÁLTICA**

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 04/12/2025

**BANCA EXAMINADORA**

Orientador: Prof<sup>a</sup> Dra Emília Suitberta de Oliveira Trigueiro

Membro: Prof. Dr. Marcus Cézar de Borba Belmino / UNILEÃO

Membro: Prof<sup>a</sup> Me. Rafaela Pereira Benjamim / UNILEÃO

JUAZEIRO DO NORTE - CE  
2025

# CONCEPÇÕES SOBRE A PERDA NA ELABORAÇÃO DO LUTO INFANTIL NA PSICOTERAPIA GESTÁLTICA

Maria Rosany Alves<sup>1</sup>  
Emília Suitberta de Oliveira Trigueiro<sup>2</sup>

## RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo compreender as concepções da perda vivenciadas no luto infantil sob o olhar da Gestalt terapia. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica realizada através de materiais já publicados como livros, dissertações, artigos, teses encontradas no Google Acadêmico, SciELO, Periódicos Capes e consultas em repositórios institucionais de universidades regionais. Ao final evidenciando a relevância de tal tema dentro da sociedade como uma experiência subjetiva, natural e necessária para o desenvolvimento infantil que culturalmente é silenciada, desvalidando os sentimentos da criança e seus meios de expressão propiciando um luto mal elaborado. Destaca-se a família como um dos principais influentes tendo papel central como rede de apoio em conjunto com a psicoterapia ao validar, acolher suas dificuldades e emoções decorrentes da perda, através de intervenções dentro do espaço psicoterapêutico que auxiliem na ressignificação de sua perda.

**Palavras-chave:** luto infantil; desenvolvimento infantil; família; Gestalt terapia.

## ABSTRACT

This research presents the conceptions of loss in the elaboration of childhood grief and the contributions of Gestalt therapy to this process, using previously published materials such as books, dissertations, articles, and theses found on Google Scholar, SciELO, CAPES Journals, and institutional repositories of regional universities. It ultimately highlights the relevance of this topic within society as a subjective, natural, and necessary experience for child development—one that is often culturally silenced, invalidated, and deprived of adequate means of expression, which may lead to poorly elaborated grief. The study emphasizes the family as one of the main influencing factors, playing a central role as a support network alongside psychotherapy by validating and welcoming the child's difficulties and emotions resulting from the loss, through psychotherapeutic interventions that assist in the re-signification of that loss.

**Keywords:** Childhood grief; Child development; Family; Gestalt therapy.

---

<sup>1</sup>Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: rosanyalves2000@gmail.com

<sup>2</sup>Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: emiliasuitberta@leaosampaio.edu.br

## 1 INTRODUÇÃO

No presente trabalho discute-se a perda tomando como base a perspectiva infantil diante de tal evento. Esta perda é inevitável, complexa e muitas vezes não abordada pelos familiares assim como nos demais ambientes em que a criança está inserida, podendo conseqüentemente ter maiores dificuldades da elaboração desse processo de adaptação à nova realidade, destacando a família como fator de proteção para a criança.

Worden (2013) aborda o luto advindo da perda não como um estado ou doença, destacando-o como um dos momentos de grande impacto emocional e social, presente e futuro, daquele que lhe vivência, seja com relação a perda de pessoas, animais de estimação, ou ainda qualquer mudança significativa no cotidiano que venha a ter impactos sobre o sujeito (Franco, 2010). Neste contexto a pesquisa buscará responder a seguinte pergunta: Compreender quais as concepções da perda vivenciadas no luto infantil sob o olhar da Gestalt terapia?

Segundo Bowlby (1990) o sofrimento pode ser percebido desde cedo na infância tendo a psicoterapia fortes contribuições em uma maior compreensão e possivelmente como suporte nesse processo de elaboração do luto. No espaço psicoterápico o luto pode ser estudado sob diferentes perspectivas teóricas entre elas temos a Gestalt terapia, que foca naquilo que o sujeito trás com base na sua experiência de luto no caso, proporcionando-lhe uma maior awareness que tem relação direta com o saber da experiência (Alvim, 2014). Quando o sujeito tem uma maior awareness, ou seja, conhecimento ou maior percepção sobre sua própria experiência ocorrendo no aqui e agora, passa a ter maior consciência de si mesmo, o que pensa, sente, como se comporta, o que ocorre no seu corpo, do impacto que tem no ambiente e o ambiente nele estando em contato consigo mesmo (Joyce; Sills, 2016).

Joyce e Sills (2016) abordam que uma das principais tarefas do psicoterapeuta é despertar a awareness do cliente/criança, em outras palavras uma maior consciência de si, dos modos como age no mundo e sobre a influência dele, com isso percebendo-se um papel ativo perante o luto vivenciado, ao se prestar atenção conscientemente.

Como nos mostra Perls, Hefferline e Goodman (1997, p. 85) “quando uma pessoa amada morre, há reações regulatórias do próprio organismo, tais como chorar e ficar de luto, que ajudam a restaurar o equilíbrio”. Assim destacam-se os ajustamentos criativos que o próprio sujeito encontra no intuito de lidar com sua perda.

Há uma escassez de estudos sobre as concepções da perda dentro do luto infantil na psicoterapia gestáltica, em que grande parte deles focam na relação terapêutica, nos mecanismos neuróticos, no processo de awareness entre outros, assim priorizando

historicamente os processos dos adultos, com poucos profissionais da psicologia gestáltica que abordam tal temática de luto infantil tão relevante na infância daquele que passa por tal evento, apresentando-se como um tema sensível, difícil de pesquisar com crianças e restrito por questões éticas, com isso tendo várias reverberações no presente e/ou futuro sejam elas positivas ou negativas para a criança.

A escolha por este tema se deu a partir de uma experiência de luto infantil no estágio supervisionado em ênfase de processos de prevenção e promoção de saúde, onde pude observar tal vivência de perda significativo na prática, assim despertando ainda mais meu interesse por esse tema e desejo de aprofundamento para melhor condução do processo de luto na prática psicológica em Gestalt terapia.

Assim, este artigo tem como objetivo geral: compreender as concepções da perda vivenciadas no luto infantil sob o olhar da Gestalt terapia, e seus objetivos específicos: Examinar as perspectivas culturais acerca da vivência do luto infantil; Investigar a influência da família na elaboração do luto da criança; Analisar a visão da Gestalt terapia sobre o luto com suas possíveis contribuições nesse espaço terapêutico.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 METODOLOGIA**

A presente pesquisa assume-se como bibliográfica conforme abordam Lakatos e Marconi (2017), de natureza qualitativa e de caráter exploratório, proporcionando compreensão e aprofundamento sobre os significados, sentidos e percepções da criança nesse processo de luto e as contribuições da psicoterapia gestáltica levando também em conta a família como fator de proteção, baseando-se em trabalhos já publicados no que tange a perda na elaboração do luto infantil sob a ótica da Gestalt terapia.

Os materiais tidos como fonte de informação são livros, dissertações, artigos, teses, já publicados em bases de dados como Google Acadêmico, SciELO, Periódicos Capes e consultas em repositórios institucionais de universidades. Para tal pesquisa foram utilizados os seguintes descritores: *luto infantil*, *Gestalt terapia*, *desenvolvimento infantil e família*, tanto de forma combinada como separadamente.

Os critérios de inclusão baseiam-se nas publicações entre os anos de 2000 a 2025, sendo eles nacionais em conjunto a obras de relevância servidas de base que abordem o luto infantil, os fundamentos da Gestalt-terapia e suas contribuições para a elaboração da perda na infância,

em que foram excluídos materiais que não dialogassem com o objetivo proposto como também aqueles sem respaldo metodológico e científico.

## 2.2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.2.1 Perspectivas culturais acerca do luto infantil

Compreende-se o luto como uma experiência subjetiva, natural e necessária frente a perda ou ainda morte de algo/alguém significativo, conforme aponta Franco (2008) não se relacionando a um estado patológico mas como um fenômeno de reorganização emocional, cognitiva e social que possibilita crescimento, sendo um processo transformador e ativo ocasionando um papel ativo no processo de reelaboração.

O luto pode ser melhor entendido através da teoria do apego de Bowlby como detalha Worden (2013) em que mostra a tendência do ser humano de criar laços afetivos com os outros e conseqüentemente possibilita analisar a forte reação emocional ocasionada por uma ameaça ou rompimento desses vínculos afetivos. Estes surgem da necessidade de segurança, e se desenvolvem precocemente a alguns indivíduos específicos, resistindo a maior parte do ciclo da vida. Essa perda pode ocasionar um luto complicado ou normal, conceitos abordados por Barbosa (2010) em que o luto complicado se diferencia por apresentar uma maior dificuldade ao aceitar a perda, e possivelmente atrelado ao desenvolvimento de um transtorno patológico, destacando assim a necessidade de um olhar voltado ao luto.

Outros autores como Kovács (2009) exploram o conceito de luto de formas semelhantes para o entendimento. Embora com palavras diferentes expressam o mesmo sentido colocando-o como um processo natural e dinâmico que ocorre frente a perda envolvendo várias dimensões do ser humano como físicas, psíquicas, sociais e espiritual, levando em conta as características individuais e o apoio social existente. Com isso não segue uma linha rígida de etapas podendo haver várias formas de vivenciá-lo.

Worden (2013) aborda quatro categorias gerais referindo-se ao luto sendo eles sentimentos, sensações físicas, cognições e comportamentos que podem ser observados tanto em crianças como nas outras fases da vida. Com relação aos sentimentos mais comuns temos tristeza, raiva, culpa e autocensura, ansiedade, solidão, fadiga, desamparo, choque, libertação, saudade, alívio e torpor. As sensações físicas podem ser descritas como vazio no estômago, aperto no peito e/ou na garganta, hipersensibilidade a ruídos, senso de despersonalização, falta de ar, dificuldade em respirar, fraqueza muscular, falta de energia, secura na boca.

Nas cognições ou pensamentos habituais após a perda no indivíduo pode ocorrer descrença, confusão, preocupação, sensação de presença, alucinações. E por comportamento podem ser observados distúrbio no sono, distúrbio de apetite, ausência de pensamento, isolamento social, sonhos com o morto, evitação de lembranças, procurar e chamar, suspiro, hiperatividade e agitação, choro, visita a locais ou carregar objetos que lembram a pessoa morta (Worden, 2013).

Arelado ao entendimento da elaboração do luto tem-se as contribuições de Kubler-Ross (1969) apresentando as fases da morte em que podem ser empregadas tanto em relação ao indivíduo com risco de morte evidente como para o luto. Mas há algumas limitações pela má interpretação que pode ocasionar mais frustração, por não ser linear, esquecendo-se da singularidade de cada ser humano.

Segundo a autora as fases são: negação (primeira reação, marcada pela recusa em aceitar a realidade da perda), raiva (sentimento de revolta, injustiça ou ressentimento pela perda), barganha (tentativa de negociar com a realidade ou com forças superiores para reverter ou atenuar a perda), depressão (profunda tristeza, choro, isolamento, sentimento de vazio), aceitação (momento de maior serenidade, em que a pessoa reconhece a perda e começa a reorganizar a vida).

Além disso temos as tarefas do luto de Worden (2013) propondo um modelo ativo, baseado em tarefas a serem cumpridas, destacando o papel do enlutado na elaboração e integração da perda. Sendo elas aceitar a realidade da perda, trabalhar a dor advinda acolhendo as emoções que possam surgir, ajustar-se a um ambiente novo, transferir emocionalmente o falecido e prosseguir com a vida encontrando uma conexão duradoura possibilitando manter o vínculo simbólico.

Falar sobre luto em qualquer etapa da vida tem seus obstáculos e tabus vivenciados de maneiras diferentes ao decorrer dos anos dentro da sociedade (Wendt; Trois, 2022). A influência de aspectos religiosos, culturais, psicológicos etc., faz com que cada indivíduo vivencie o luto de forma singular por meio de suas próprias características biopsicossociais. Embora tal temática seja amplamente conhecida por fazer parte do desenvolvimento humano esta também é obscurecida e deixada de lado dentro das famílias por incertezas e medos que contornam o processo isolando-o tornando incompreendido (Rebelo, 2004).

O processo de luto e suas implicações passam a ser cada vez mais silenciados no decorrer dos anos podendo ser desencadeado com relação a pessoas, animais, objetos significativos em que se tem atrelado também o amor, sendo assim dois aspectos que se

influenciam mutuamente reverberando na forma como o indivíduo irá elaborar o luto diante do laço afetivo existente (Parkes, 2009).

A morte, porém, não é a única perda, como pensam costumeiramente a sociedade. O luto está também relacionado a divórcio, troca de casa, diminuição do funcionamento decorrente de doença, sonhos e expectativas que não foram cumpridas, ou seja, mudanças que afetam o funcionamento global assim como sua adaptação à nova realidade (Walsh; Mcgoldrick, 1998).

As crianças, culturalmente, foram vistas como seres incapazes de compreender tal demanda silenciada pelos adultos com a finalidade de minimizar o sofrimento, contudo o efeito existente perpassa por sentimentos de desamparo, angústia entre outros dificultando reestruturar-se e reorganizar-se diante da perda (Sengik; Ramos, 2013).

No luto os adultos desvalidam as emoções da criança, fazendo com que elas sintam que seus pensamentos e sentimentos são insignificantes e desnecessários, como cita Cruz *et al* (2021). Isso faz com que esse momento se torne ainda mais difícil enfatizando a necessidade da utilização de uma linguagem clara e aberta sendo ela adaptada para a compreensão da criança (Mariotto; Mohr, 2020), possibilitando a elaboração do luto que pode ter várias reações, sentimentos distintos como irritabilidade, culpa, raiva, fracasso, medo entre outros e seus sintomas que podem ter impactos no seu desenvolvimento.

Destaca-se assim a importância de haver um diálogo com a criança como aponta Rodrigues *et al* (2013), sendo um possível meio para reduzir os danos que um luto não elaborado pode causar, havendo a junção da família e da psicoterapia de forma que a criança encontre um espaço com acolhimento das suas emoções geralmente invalidadas na elaboração de luto singular.

### 2.2.2 Influência da família na elaboração do luto infantil

Ozório e Valle (2009) discutem que ao longo da vida a família vivencia mudanças naturais geradas pelas perdas ocorridas, ocasionando a necessidade de adaptação a nova realidade que a perda acarreta. Mas muitas vezes não se explicam as mudanças para as crianças, impedindo-as da compreensão, onde a família pode fazer uso do pacto de silêncio, da negação ou a superproteção, com o intuito de defendê-los de sentimentos e sofrimentos. Para Gomes (1987) a família é interligada por vínculos e constitui um sistema, em que as estruturas das relações existentes são essenciais ao englobar uma estrutura dinâmica que pode ou não mudar.

Outro ponto destacado por Ozório e Valle (2009) coloca a família como o primeiro relacionamento interpessoal de experiências sendo importante meio para a transmissão de cultura e valores num processo de desenvolvimento, em que as pessoas interagem, dependem umas das outras e criam relações emocionais e sociais a partir do compartilhamento de mitos, regras e valores. Assim a criança nesse meio familiar recebe a influência para sua própria elaboração do luto, observando-se as fases de desenvolvimento em que se encontra, sua subjetividade como ser biopsicossocial para melhor a família abordar a temática com a criança.

De acordo com Mello *et al* (2021) a elaboração do luto infantil reflete na expressão emocional e comportamental por meio de um processo complexo que requer conhecimento, entendimento por parte da família, como fator mais próximo e influente da criança, sendo que para compreender o significado da infância dentro da sociedade atual é preciso ter em vista como ela era vista anteriormente (Aguiar, 2014).

Na sociedade medieval Aguiar (2014) traz que a educação e o cuidado da criança não tinham uma preocupação particular sendo inseridas sem distinção nas atividades sociais com junção entre o privado e o público. Posteriormente a autora complementa que diante das transformações político-econômicas a criança passa a ser alvo de cuidado e atenção, implicando a separação dela do mundo adulto vendo-a como inocente, fraca, carente de cuidados e conseqüentemente afasta a criança de temas como morte, perdas significativas numa tentativa de resguardá-la dificultando a compreensão do seu processo de luto e elaboração.

A separação por morte de um ou mais dos genitores de forma repentina configura-se como potencial estressor para a criança com caráter traumático, podendo colocá-la em risco emocional, econômico, social como mostra Anton e Favero (2011). Essa perda pode afetar a onipotência infantil, com sentimentos de culpa, impulsos agressivos em que ao vivenciar a experiência de forma repentina não há preparação a perda, ou seja, não há um luto antecipatório com preparo psicológico. Zavaschi *et al* (2002) relata a importância da criança em participar dos rituais de despedida ao genitor(es) e sua não participação pode acarretar maiores índices de depressão na vida adulta e a vivência de sentimentos de culpa além de outras questões adultas com raízes na infância.

Crawfor *et al* (2021) trazem em seus estudos a relação entre a morte do animal de estimação com o desenvolvimento de problemas de saúde mental em crianças britânicas acompanhadas desde o nascimento e adolescentes também, por meio de uma pesquisa longitudinal de coorte populacional com 6.260 crianças de 8 a 17 anos, o instrumento utilizado foram questionários padronizados aplicados aos pais e às crianças.

Os resultados obtidos foram que cerca de 30% das crianças vivenciaram a morte de um animal de estimação antes dos 12 anos, apresentaram níveis significativamente mais altos de sintomas de ansiedade e depressão em comparação às que nunca tiveram animais de estimação, o impacto foi maior em meninas e crianças com forte vínculo afetivo. A intensidade do sofrimento foi comparável à perda de um familiar distante ou amigo próximo e anos depois o evento ainda permaneceu associado a sinais de vulnerabilidade emocional como retraimento, tristeza persistente e maior sensibilidade à separação (Crawfor *et al*, 2021).

Assim ressaltam a morte do animal de estimação como evento emocionalmente marcante com efeitos duradouros na saúde mental da criança destacando a reação da família como modelador do impacto emocional, em famílias que validaram o luto e estimularam a expressão emocional mostraram melhor elaboração da perda segundo Crawfor *et al* (2021).

Carezzata *et al* (2016) trazem a família como um fator de proteção no luto pela morte de um irmão na infância, através de uma discussão levando em conta nove pesquisas de sete países analisando as consequências e/ou impacto dessa perda, que pode ter relação com distúrbios emocionais, depressão, alterações de sono, acometimentos físicos e sintomas somáticos como dores abdominais, dores de cabeça, asma, convulsões, colite ulcerativa, problemas comportamentais, ansiedade de separação, estresse pós-traumático. Os autores evidenciam a importância da participação da criança no processo de doença do irmão, nas conversas sobre o assunto passando a ter entendimento sobre o processo lidando com a ausência e os possíveis sentimentos advindos favorecendo uma melhor elaboração.

Diante disso a família tem papel central pois é onde a criança busca segurança emocional, sentido e apoio diante da perda, em que nas primeiras fases de desenvolvimento não entende o conceito de morte por exemplo, contudo através das explicações e atitudes familiares que ela começa a formar esse entendimento. Também através da observação nos adultos a criança aprende as maneiras de reagir diante da perda, estando presente em rituais de despedida, conversas em família sobre o assunto, ou seja, não excluir a criança mas sim integrando-a na família no intuito que haja escuta, afeto e estabilidade emocional, fazendo com que o luto tende a ser um processo de crescimento e não de trauma (Walsh; McGoldrick, 1998).

Paiva (2011) discute várias maneiras que a família pode ajudar a criança na elaboração do luto como encorajá-la na expressão de seus sentimentos, responder perguntas com sinceridade e expressar suas emoções honestamente, falar com a criança de acordo com seu nível de desenvolvimento, sendo paciente com ela entre outras maneiras em que visam dar suporte e espaço de expressão para a criança, em outras palavras a comunicação afetuosa e

verdadeira pode permitir que a criança integre a perda ao seu mundo interno, transformando o sofrimento em significado.

Tendo em visto o luto relacionado a infância, Cruz (2021) evidencia as complicações ao abordá-lo relacionando tanto ao despreparo dos adultos sobre o assunto ao relacionar-se com a criança, como pela ideia de que ela não tem entendimento suficiente sobre o que está acontecendo e/ou vai acontecer então evitam o assunto, não oferecendo suporte emocional e estabilidade sendo esse um dos papéis dos adultos de acordo com Thomas (2006).

No luto infantil a comunicação entre os familiares/responsáveis da criança com ela se faz muito importante diante desse processo que pode ser até mesmo desafiador de conduzir, perante a falta de informações corretas e mitos existentes na sociedade acerca do luto infantil. “As crianças expressam a sua angústia se os familiares, os amigos e os docentes estiverem predispostos para as ouvir, ou mesmo atentos para uma eventual comunicação não verbal, através da exteriorização de comportamentos ou linguagem corporal” (Costa, 2012, p. 2). Assim se faz pertinente dar espaço para que a criança entenda a situação e seja informada o que aconteceu compreendendo os possíveis sentimentos como raiva, culpa entre outros (Filgueira, 2021), sendo que frequentemente os adultos procuram poupar a criança do sofrimento, acarretando uma não elaboração da perda.

O luto infantil deve ser reconhecido e respeitado, a ausência de informações claras e o silenciamento podem levar a manifestações de sintomas que afetam seu bem-estar emocional e com isso sua rotina familiar e escolar (Louzette; Gatti, 2007). É fundamental o acesso a informação adaptada para seu estágio de desenvolvimento proporcionando uma compreensão acerca da perda e sua expressão (Bromberg, 2000). Como também destaca Carvalho (2011) em que os danos psicológicos que a criança pode ter, tem relação direta com o seu nível de entendimento sobre a perda, com possíveis impactos não somente no presente como também posteriormente em várias áreas de desenvolvimento cognitivo, nas relações, no aprendizado e na formação da identidade.

Na área emocional a criança pode sentir tristeza profunda, confusão, medo, raiva sobre o que aconteceu, e quando essas emoções não são acolhidas e/ou compreendidas podem favorecer o desenvolvimento de ansiedade, regressão comportamental, depressão, isolamento, por exemplo em crianças pequenas, especialmente em idade pré-escolar, elas muitas vezes não compreendem o caráter definitivo da morte como fato desencadeador do luto e podem acreditar que a pessoa falecida retornará, em que ao não encontrar espaço para expressar seus sentimentos, tendem a apresentar sintomas como regressão comportamental, isolamento,

ansiedade e depressão (Kovács, 2003; Franco, 2019), fazendo-se necessário o acolhimento e a escuta empática, aspectos fundamentais para que possam ressignificar a perda.

Na dimensão cognitiva Worden (1998) observa que a assimilação cognitiva da perda é um dos pilares no processo de elaboração saudável, em que o luto pode gerar confusão mental, dificuldade de concentração e de desempenho em atividades intelectuais. Já na dimensão da aprendizagem o luto pode causar queda no rendimento escolar, desinteresse e dificuldade na atenção, dispersão e até comportamentos de oposição, pois a criança enlutava frequentemente apresenta desinteresse pelas atividades escolares, assim destaca-se a importância da parceria conjunta da família com a escola na observação e acolhimento o luto da criança, estando esses dois ambientes interligados e influentes na compreensão e elaboração do luto, como mostra Franco (2019).

A perda pode alterar também a dinâmica familiar, a estrutura afetiva do lar em que a criança pode se sentir insegura ou abandonada, temer novas perdas, apresentar resistência para novos vínculos entre outros aspectos, assim sendo importante o suporte familiar e a coesão entre os membros como fatores de proteção no auxílio da elaboração do luto. Outra dimensão que pode ser afetada é a afetiva e identitária em que a vivência do luto influencia diretamente na construção da autoestima e da identidade da criança. Na teoria do apego segundo Bowlby (1982, *apud* Worden, 2013) a ruptura precoce de laços afetivos significativos pode deixar marcas duradouras se não houver apoio e condições adequadas para a elaboração do luto.

Assim se faz pertinente a importância da família como rede de apoio para as múltiplas formas que a criança pode reagir a perda (Worden, 2013), permitindo que a criança integre essa experiência de forma saudável em sua história de vida, sendo necessário ter acesso a informações e conhecimento sobre o que é luto e como ele se manifesta, mudando de pessoa para pessoa, de família para família, envolto em influências sociais, econômicas, culturais, política.

### 2.2.3 Psicoterapia gestáltica e luto infantil

O luto infantil pode apresentar maiores obstáculos devido ao nível de maturidade e desenvolvimento afetivo e emocional não estar totalmente preparado para compreender tal experiência da perda (Mello *et al*, 2021). Os autores Franco e Mazorra (2007) trazem o luto como um desafio multidimensional, em que a criança se reestrutura e reorganiza diante de tal experiência por meio de várias dimensões emocionais e cognitivas.

Conforme Bromberg (2000) a psicoterapia é uma ferramenta essencial no processo de luto em que a criança pode simbolizar sua perda, trabalhar seus sentimentos retomando ao desenvolvimento emocional saudável, em outras palavras com o profissional de psicologia utilizando-se de suas técnicas e manejos adequados, éticos e empáticos se colocando como fator protetor na elaboração do luto.

Mendes (2017) ressalta que quanto mais precoce for a observação e identificação das dificuldades, mudanças de comportamento e impactos negativos em decorrência do luto mais rapidamente poderão ser trabalhados em psicoterapia ajudando a criança a enfrentar e administrar as situações e emoções do cotidiano com muito mais facilidade de forma saudável. Reis e Sartori (2024) trazem alguns comportamentos que indicam distúrbios emocionais como isolamento contínuo, choro e tristeza sem motivo aparente, atraso no desenvolvimento da fala, linguagem ou caminhada, insônia ou sono muito frequente, diminuição ou aumento da fome, entre outros aspectos que podem ser desencadeados por um luto mal elaborado indicando assim a necessidade de psicoterapia.

Segundo Kovács (1992) a psicologia é a ciência que lida com o ser humano em suas múltiplas questões que lhe perpassam deixando mudanças na sua subjetividade, não havendo um modelo, forma ou ainda receita para abordar tal temática da perda (Torres, 2002). Entretanto alguns pontos devem ser levados em conta como utilizar uma linguagem clara, objetiva e adaptada para o entendimento da criança com tom natural, dando espaço para suas falas e eventuais dúvidas valorizando a expressão de seus sentimentos.

A psicoterapia infantil, tem no seu modo de realização diferenças e peculiaridades em comparação a psicoterapia com adolescentes e/ou adultos. Assim a abordagem condiz ao caminho que o profissional vai seguir se baseando na visão e em conceitos da abordagem, de como percebe-se por exemplo o processo de desenvolvimento da criança normal ou patológico, como se dá a relação entre a criança e profissional no espaço terapêutico, entre outros aspectos.

Ao abordar a Gestal-terapia mais detalhadamente, segundo Rodrigues e Nunes (2010) desde a construção do vínculo terapêutico até a forma em trabalhar com o luto. O psicoterapeuta tem o desafio de inserir-se no mundo da criança, para aos poucos entender o significado que ela dá as coisas no seu mundo interior lhe direcionando todo o tempo da sessão, pois é influenciada, mas também influencia o mundo ao seu redor, ou seja, a criança vista como ser relacional, holístico e contextual (Aguiar, 2014).

As formas que a criança elabora o luto são criativas no intuito de enfrentar situações ou ambientes desfavoráveis, chamados de ajustamentos criativos representam este importante processo ativo e dinâmico que o indivíduo estabelece com o mundo para solucionar situações

e propiciar sua autorregulação (Antony, 2009), sendo ajustamentos funcionais e/ou disfuncionais.

Um dos papéis do psicoterapeuta é facilitar a integração da perda como fazendo parte da história da criança, sustentando o campo do sofrimento e da reconstrução não apressando o processo (D'angelo, 2009). Assim facilita-se o reconhecimento das emoções ou ainda ampliação da consciência através do contato e apoio pelo psicoterapeuta, sendo que nesse espaço a criança é quem deve conduzir todo o processo.

No luto não somente há perda da presença física da pessoa, mas também em todas as possibilidades de porvir que deixam de existir (Belmino, 2020), o psicoterapeuta auxilia como suporte para a criança no intuito de que essa autonomia comece a voltar a operar, possibilitando uma maior consciência de si, sustentando uma experiência/espaço que socialmente não é visto com acolhimento e reconhecimento. Belmino (2020) destaca a infância como um momento da vida muito vulnerável de dependência nos adultos, sendo então eles o parâmetro fundamental da existência, assim tendo o luto um efeito violento na totalidade da criança.

O modo como esse indivíduo em construção comunica seus sentimentos, pensamentos, suas ideias sobre si e outros vai ao encontro da brincadeira, do lúdico (Borstmann *et al*, 2018). Essa talvez seja a maneira de expressão pela falta de conhecimento e desenvolvimento que possui, comparanda a um adulto que sabe o que sente e posteriormente se expressa através da fala. Geralmente, no brincar é possível reviver experiências difíceis com criatividade dando forma a realidade de acordo com sua experiência de campo como menciona Reis e Sartori (2024). Para Axline a ludoterapia (1947) possui um efeito crucial desde os primeiros momentos com a criança permitindo gradativamente adentrar nos seus medos, angústias, frustrações para que ela saiba melhor lidar com a elaboração do luto no seu dia a dia.

No brincar um dos seus objetivos é a construção do vínculo terapêutico (Carvalho *et al*, 2015) fazendo-se essencial para o progresso visando as suas dificuldades emocionais, comportamentais e/ou sociais desencadeados pela elaboração do luto. Contudo respeitando sempre seu tempo e seu modo nesse processo, sendo o psicoterapeuta autêntico no que se refere a suas expressões e ações no contato com a criança, estando totalmente disponível para o presente, o aqui-agora, buscando compreender os meios de comunicação das necessidades, angústias etc.

Há inúmeras formas de brincar abordado por Oaklander (1980) ao mencionar brincadeiras com objetos, faz de conta, histórias em livros de linguagem simples, como recurso facilitador, olhando essa experiência de luto de maneira singular a criança, possibilitando

contribuições da psicoterapia na vida tanto no presente como posteriores em relação a perdas futuras.

Desse modo Aguiar (2014) aborda de forma mais ampla a perda e as emoções, traz contribuições com suas formas de manejo dentro do espaço terapêutico de expressão emocional, fazendo com que o psicoterapeuta curioso ativamente estando presente perceba o processo pelo qual a criança passa e as implicações no seu desenvolvimento. A autora cita recursos terapêuticos estruturados e não estruturados que podem auxiliar como família de bonecos, bichos, casinha, saco de boxe ou almofadas que auxiliam na expressão da energia agressiva, telefone, fantoches, lápis e tintas, livros de histórias que envolvam a temática em questão entre outros recursos.

Em conjunto, a psicoterapia e a família, havendo intervenções psicoeducativas sobre o luto e as reações advindas, orientações sobre como manejar as conversas entre esses pais e os filhos, mostrando a eles formas de incluir a criança nesse processo. Assim pode-se perceber uma melhor elaboração do luto por meio de intervenções conjuntas (Reis; Sartori, 2024), em que se reforça tendo uma ampliação dos efeitos terapêuticos fortalecendo a rede de apoio emocional da criança, criando um novo ajuste a sua realidade presente com maior awareness, visando o desenvolvimento saudável dentro do percurso de enlutamento.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao compreender as concepções da perda no luto infantil através da Gestalt terapia foi observado na análise dos materiais obtidos o quanto o ambiente e as relações que a criança tem podem influenciar na elaboração do luto. Em outras palavras, as famílias e o psicoterapeuta mediam a forma pela qual a criança vai ressignificar aquele vínculo interrompido com seus impactos no desenvolvimento em suas múltiplas áreas como social, cognitiva, emocional entre outras.

Este estudo contribui para ampliar a compreensão do papel do psicólogo Gestalt-terapeuta no acolhimento do luto infantil, destacando a importância desse profissional atrelado a uma escuta sensível, acolhedora e presença terapêutica autêntica, colocando-o como facilitador nesse processo. Com isso contribui também desmistificando ideias equivocadas sobre o luto infantil, como por exemplo que a criança não sofre ao vivenciar uma perda significativa, podendo ela não se referir somente a perda de mãe, pai, avô, ou seja, pessoas físicas, mas sim está atrelada a vínculos significativos interrompidos. Contudo foi observado

uma limitação com relação a pesquisa do tema explorado com poucos estudos e informações em relação ao luto na infância dentro na psicoterapia gestáltica.

Assim falar sobre o luto infantil é falar sobre a potência da vida em meio ao sofrimento, em que o psicoterapeuta se coloca ativamente presente, acolhendo aos sentimentos da criança, compreendendo-a como a soma das relações, experiências vivenciadas no contato com o mundo fora do espaço terapêutico. Também deve entender o desenvolvimento infantil transformando brincadeira em intervenção, ferramenta de acesso ao mundo subjetivo, permitindo que a criança reconheça suas emoções e reorganize o campo de suas relações. Com isso o encontro entre o terapeuta e a criança enlutada possibilita que o sofrimento possa se transformar em crescimento.

Para outros estudos recomenda-se o aprofundamento nas técnicas da Gestalt que podem auxiliar no processo de luto podendo haver estudo de caso clínico no intuito de maior base prática ao invés de somente teórica, como também articular diversas áreas que também influenciam a criança, como escolar por ser esse o ambiente em que ela está diariamente inserida, destacando o papel da psicologia escolar relacionado ao tema, abordando-o para além de estar relacionado a morte, assim trazendo uma perspectiva mais ampla.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Luciana de Medeiros. *Gestalt-terapia com crianças: teoria e prática*. 4. ed. São Paulo: Summus Editorial, 2014.

ALVIM, M. B. Awareness: experiência e saber da experiência. In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (Org.). *Gestalt-terapia: Conceitos Fundamentais*. São Paulo: Summus, 2014. p. 13-30.

ANTON, M. C.; FAVERO, E. Morte repentina de genitores e luto infantil: uma revisão da literatura em periódicos científicos brasileiros. *Interação em Psicologia*, Curitiba, Paraná, Brasil, v. 15, n. 1, 2011. DOI: 10.5380/psi.v15i1.16992. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/16992>. Acesso em: 2 nov. 2025.

ANTONY, Sheila Maria da Rocha. A criança com transtorno de ansiedade: seus ajustamentos criativos defensivos. *Revista da abordagem gestáltica*, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 55-61, jun., 2009. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672009000100009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672009000100009&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 02 out. de 2025

AXLINE, V. M. (2013). *Ludoterapia: a dinâmica interior da criança*. Belo Horizonte, MG: Interlivros, 1947.

BARBOSA, A. Processo de luto. In: BARBOSA, A.; NETO, I. (Eds.). *Manual de Cuidados Paliativos*. 2. ed. Lisboa: Faculdade de Medicina de Lisboa, 2010. p. 111-125.

BELMINO, Marcus César de Borba. *Gestalt-terapia e experiência de campo: dos fundamentos à prática clínica*. 1. ed. Jundiaí (SP): Paco, 2020.

BORSTMANN, Renatada Silveira, BREUNIG, Yohanna, MACEDO, Maria Luisa Wunderlich dos Santos de. Psicoterapia infantil: perdas, luto e ajustamentos criativos elaborados no brincar. *IGT na Rede ISSN 1807-2526, [S. l.]*, v. 15, n. 28, 2018. DOI: 10.5281/zenodo.15058393. Disponível em: <https://igt.psc.br/ojs3/index.php/IGTnaRede/article/view/551>. Acesso em: 2 nov. 2025.

BOWLBY, J. *Apego e perda: a natureza do vínculo*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1990. (Obra original publicada em 1969).

BROMBERG, M. H. P. F. *A psicoterapia em situações de perdas e luto*. Campinas: Livro Pleno, 2000.

CAREZZATA, Carolina Lindemann; PIRES, Leila Alves; CARVALHO, Ana Maria Pimenta; SANTOS, Patrícia Leila dos. O luto dos irmãos: consequências para a saúde de crianças após a perda de um irmão e como amenizá-las. *Revista Enfermagem UFJF*, v. 2, n. 2, p. 61-65, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/enfermagem/article/view/3878>. Acesso em: 02 nov. 2025.

CARVALHO, C.; FIORINI, G. P.; RAMIRES, V. R. R. Aliança terapêutica na psicoterapia de crianças: uma revisão sistemática. *Psico*, [S. l.], v. 46, n. 4, p. 503–512, 2015. DOI: 10.15448/1980-8623.2015.4.19139. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/1913>. Acessos em 19 maio 2025.

CARVALHO, Maria Augusta Freitas Ribeiro de. *O luto na criança: perspectivas sociológicas da perda na criança*. 2011. 311 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia da Infância) – Instituto de Educação, Universidade do Minho, Braga, 2011. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/13620/1/Maria%20Augusta%20Freitas%20Ribeiro%20de%20Carvalho.pdf>. Acesso em: 02 out. 2025.

CRAWFORD, Katherine M.; ZHU, Yiwen; DAVIS, Kathryn A.; ERNST, Samantha; JACOBSSON, Kristina; NISHIMI, Kristen; SMITH, André D. A. C.; DUNN, Erin C. The mental health effects of pet death during childhood: is it better to have loved and lost than never to have loved at all? *European Child & Adolescent Psychiatry*, v. 30, p. 2195-2205, 2021. DOI: 10.1007/s00787-020-01657-8. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC7943653/>. Acesso em: 2 nov. 2025.

CRUZ, M. C. N. L. et al. Um pedaço de mim virou estrelinha: elaboração do luto infantil. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 8, e23210817255, 2021.

COSTA, T. I. C. *O luto como o vivemos: educar para a perda*. Mestrado em Educação para a Saúde, 2012. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/14093>. Acesso em 19 de outubro de 2025

D'ANGELO, Adriana (Org.). *O luto: estudos sobre a perda na Gestalt-terapia*. Curitiba: Juruá, 2009.

FILGUEIRA, Maria Clara Gonçalves. *Morte e luto na infância: o papel da família na elaboração do luto infantil*. 2021. 19 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, Juazeiro do Norte, 2021.

FRANCO, M. H. P. *Atravessando o luto: psicoterapia e enlutamento*. São Paulo: Summus, 2008.

FRANCO, M. H. P. *Luto: Estudos sobre a perda na vida adulta e na infância*. 4. ed. Campinas: Livro Pleno, 2019.

FRANCO, M. H. P. *Processos de luto no ciclo da vida*. São Paulo: Summus, 2010.

FRANCO, M. H. P.; MAZORRA, L. *Criança e luto: vivências fantasmáticas diante da morte do genitor*. Estudos de Psicologia, Campinas, v.24, n.4, p.503-511, 2007. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103166X2007000400009](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103166X2007000400009). Acesso em: 18 maio 2025.

GOMES, José Carlos Vitor. *Manual de psicoterapia familiar*. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

JOYCE, Phil; SILLS, Charlotte. *Técnicas em Gestalt: aconselhamento e psicoterapia*. Tradução de Vera Josceline Andrade. Petrópolis: Vozes, 2016.

KOVÁCS, M. J. *Educação para a morte: desafio na formação de profissionais de saúde e educação*. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

KOVÁCS, M. J. Perdas e processos de luto. In: SANTOS, F. S. (Org.). *A arte de morrer: visões plurais*. Bragança Paulista: Comenius, 2009.

KOVÁCS, M. J. *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KUBLER-ROSS, E. *Sobre a morte e o morrer*. 8ª Ed., Martins Fontes. São Paulo, 1969.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LOUZETTE, F. L.; GATTI, A. L. *Luto na infância e as suas consequências no desenvolvimento psicológico*. Iniciação Científica, v. 1, p. 77–79, 2007.

MARIOTTO, R. M. M.; MOHR, A. M. (Orgs.). *A vivência da morte e do luto na infância e adolescência: recortes psicanalíticos*. Salvador: Ágalma, 2020.

MELLO, G.R.E.; LIMA, L.P.; MOTA, D.C.B. Percepções e vivências do luto infantil: uma revisão narrativa da literatura brasileira. *Revista Saber Digital*, v. 14, n. 1, p. 70-88, 2021.

MENDES, Priscilla. *A partir de quantos anos posso levar o meu filho ao psicólogo? Psicólogo e terapia*. São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.psicologoeterapia.com.br/blog/psicologo-a-partir-de-quantos-anos-posso-levar-meu-filho/>. Acesso em: 02 out. 2025.

OAKLANDER, Violet. *Descobrendo crianças: a abordagem gestáltica com crianças e adolescentes*. São Paulo: Summus, 1980.

OZÓRIO, Luiz Carlos; VALLE, Maria Pasqual do. *Manual de terapia familiar*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

PAIVA, L. E. *A arte de falar da morte para crianças: A literatura infantil como recurso para abordar a morte com crianças e educadores*. São Paulo: Ideias e Letras: 2011.

PARKES, C. M. *Amor e perda: as raízes do luto e suas complicações*. São Paulo: Summus, 2009.

PERLS, F.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. *Gestalt terapia*. São Paulo; Summus editorial, 1997.

REBELO, José Eduardo. *Desatar o nó do luto: silêncios, receios e tabus*. Lisboa: Editorial Notícias, 2004.

REIS, Vanessa F.; SARTORI, Maria A. Luto infantil: o papel vital da psicologia e da família no enfrentamento. *Cadernos de Psicologia*, Juiz de Fora, v. 4, n. 2, p. 88-101, 2024.

Disponível em:

<https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/cadernospsicologia/article/viewFile/4111/3040>.

Acesso em: 2 nov. 2025.

RODRIGUES, A. C.; POLIZELI, C.; MAZZER, F. D. D. S.; SUTTINI, I. F.; SANTOS, K. R. D.; BOAVENTURA, L. A. *Comunicando notícias difíceis: um estudo de caso*. Anais Eletrônico, n. 22, 2013.

RODRIGUES, P.; NUNES, A. L. Brincar: um Olhar Gestáltico. *Revista da Abordagem Gestáltica – XVI* (2): 189-198, jul./dez. 2010. Disponível em

[https://rnprrimo.hosted.exlibrisgroup.com/permalink/f/vsvpiv/TN\\_cdi\\_dialnet\\_pri\\_mary\\_oai\\_dialnet\\_uni\\_rioja\\_es\\_ART0000862271](https://rnprrimo.hosted.exlibrisgroup.com/permalink/f/vsvpiv/TN_cdi_dialnet_pri_mary_oai_dialnet_uni_rioja_es_ART0000862271)

SENGIK, A. S.; RAMOS, F. B. Concepção de morte na infância. *Psicologia & Sociedade*, Recife, v.25, n.2, p.379-387, 2013. Disponível em:

[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102\\_71822013000200015](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102_71822013000200015). Acesso em: 14 set. 2025.

THOMAS, Stéphanie. *O luto na infância: compreender para ajudar*. São Paulo: Paulinas, 2006.

TORRES, W. da C. O Conceito de Morte em Crianças Portadoras de Doenças Crônicas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v.18. n.2, p. 221-229, maio 2002. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ptp/a/cLpYxgSt95hnYWNcLvJHrdb/?lang=pt#>. Acesso em: 02 out. 2025

WENDT; E.; TROIS, J. F. M. Luto Infantil: trilhando o caminho de mãos dadas. *Diaphora*, Porto Alegre, v. 11, n. 2, 2022.

WALSH, Froma; MCGOLDRICK, Monica. *Morte na família: sobrevivendo às perdas*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

WORDEN, J. William. *Aconselhamento do luto e terapia do luto: um manual para profissionais da saúde mental*. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

WORDEN, J. W. *O tratamento do luto: aconselhamento psicológico e terapia*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

ZAVASCHI, M. L. S. et al. Associação entre trauma por perda na infância e depressão na vida adulta. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v. 24, p. 189-195, 2002.